

**FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO**  
**FAAP – PÓS-GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO-SENSU EM DESIGN DE INTERIORES**

**Fernanda Fernandes Pereira Bazhuni**

**A SALA DE ESTAR, O RETRATO DE UMA FAMÍLIA**  
**Histórias e memórias dos interiores de residências em Alphaville**

**São Paulo**

**2012**

**Fernanda Fernandes Pereira Bazhuni**

**A SALA DE ESTAR, O RETRATO DE UMA FAMÍLIA**

**Histórias e memórias dos interiores de residências em Alphaville**

Monografia apresentada à FAAP Pós-Graduação, como parte dos requisitos para a aprovação no Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Design de Interiores.

Coordenador: Prof. Carlos Eduardo Leite Perrone

Orientador: Prof. Plinio Toledo Piza

Professor convidado: Prof. Eduardo Colonelli

São Paulo

2012

**Fernanda Fernandes Pereira Bazhuni**

**A SALA DE ESTAR, O RETRATO DE UMA FAMÍLIA**

**Histórias e memórias dos interiores de residências em Alphaville**

Monografia apresentada à FAAP Pós-Graduação, como parte dos requisitos para a aprovação no Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Design de Interiores.

( ) Recomendamos exposição na Biblioteca.

( ) Não recomendamos exposição na Biblioteca.

Nota: \_\_\_\_\_

São Paulo, 01 de Fevereiro de 2012.

\_\_\_\_\_  
Coordenador: Prof. Carlos Eduardo Leite Perrone

\_\_\_\_\_  
Orientador: Prof. Plinio Toledo Piza

\_\_\_\_\_  
Professor convidado: Prof. Eduardo Colonelli

Este trabalho é dedicado:

Aos objetos dos meus sonhos e aspirações: ao Matheus, ao Alexandre, à minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão, a base de fornecimento da minha existência e de meus conhecimentos, sem os quais não seria possível a materialização desse projeto.

## **Agradecimento**

Aos professores da FAAP Pós-Graduação Lato-Sensu em Design de Interiores, que acreditou, incentivou e orientou esse trabalho.

Aos colegas do curso de Design de Interiores, principalmente à Roberta Maiorana, que compartilharam seus conhecimentos e trocaram experiências importantíssimas para o desenvolvimento desse trabalho.

À minha família, que acreditou e compreendeu a minha ausência para essa realização.

A todos aqueles que contribuíram com o desenvolvimento desse projeto e as pessoas que abriram as portas de suas casas e de suas intimidades, para que essa monografia fosse realizada.

## Resumo

BAZHUNI, Fernanda Fernandes Pereira. **"A sala de estar, retrato de uma família: Histórias e memórias dos interiores de residências em Alphaville"**. Estudo sobre a aplicação da teoria da aprendizagem significativa de Design de Interiores, na produção de conteúdos para o curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Design de Interiores. São Paulo, 2012. 101 pp. Monografia (Pós-Graduação). FAAP – Fundação Alvares Armando Penteadó.

A sala de estar tem a finalidade de apresentar uma viagem dos interiores de residências dentro de um condomínio fechado próximo a capital de São Paulo chamado "Alphaville". Analisar e vivenciar a criação de cada sala de estar elaborados pelas próprias donas de casa, entender a composição dos ambientes e suas memórias, mostrando por fim que um projeto de interiores depende de uma parceria íntima entre o design e o cliente, não são composições do que achamos belo e sim uma junção das memórias do cliente com a nossa criatividade fundamentada e conceituada.

**Palavras-chave:** Sala de estar; design de interiores; Alphaville.

## **Abstract**

The Living Room has the purpose to show a tour inside the homes of a private condominium near to São Paulo Capital called "Alphaville". It is an analysis and feeling of each living room worked out by the own housewives, in order to understand the ambients' arrangement and their memories, showing at last that an inside project depends on a very close partnership between the design and the client. They are not compositions of what we find beautiful but the union of clients' memories and our based and highly respected ability to create.

**Keywords:** Living room; interior design; Alphaville.

## Sumário

Introdução .....	9
1 Alphaville .....	11
1.1 Yojiro Takaoka .....	11
1.2 Construtora Albuquerque & Takaoka .....	12
1.3 Alphaville Centro Industrial, Empresarial e Residencial .....	14
1.4 Alphaville Residencial 1 .....	21
1.4.1 Primeiros moradores e infraestrutura .....	21
1.4.2 O interior de uma residência de 1980 .....	27
1.5 A cultura local .....	31
1.6 A transformação externa .....	32
2 As casas e seus interiores .....	34
2.1 A casa memória .....	34
2.2 A casa sem estilo .....	47
2.3 A casa programada .....	54
2.4 A casa personificada .....	66
3 Análise e crítica da sala de estar .....	72
3.1 Identidade da família; disposição de móveis e objetos; harmonia, estética e função .....	72
4 A sala de estar vestida .....	77
4.1 Objetivo .....	77
4.2 Conceito .....	78
4.3 Planta baixa .....	80
4.4 Layout .....	82
4.5 Acabamentos, mobiliários e objetos .....	85
4.6 A sala em três dimensões .....	92
5 Análise de resultados .....	98
Referências bibliográficas .....	100

## Introdução

Nas últimas décadas, houve uma transformação na cidade de São Paulo, uma cidade antes até romântica para uma selva de prédios, transformação horizontal para vertical. Em 1973, surge o primeiro condomínio fechado e horizontal do Brasil, localizado a 23,5 Km do marco zero de São Paulo chamado "Alphaville", que resgata os antigos casarões da capital.

O objetivo deste trabalho foi analisar as residências construídas em Alphaville desde 1975 até os dias de hoje; analisar as "Salas de Estar"; observar o comportamento dos moradores, suas histórias e memórias que falam por si só em uma sala de estar.

Pesquisar como esse ambiente foi constituído e por que foi feito desta maneira, deparar com a intimidade de cada família e entender o processo de cada uma das salas decoradas por cada dona de casa. Aspectos positivos e negativos vão nos levar a um projeto final de criação de uma sala de estar, a sala que não retrata o que realmente aquela família é. O nosso Lar é o que realmente somos; o nosso interior é o interior de nossas casas.

Falar em moradias, lar, em relação às famílias que os habitam é perguntar como as pessoas se sentem em seu lar. Qual é o cotidiano de cada uma delas? O que necessitam em suas salas e por quê? O que mudariam? Os seus interiores foram impostos por arquitetos e designers, mas contam uma história? A dona da casa, cuidadora de tudo e de todos, faz o seu espaço, decora a sua sala? Como são essas casas em seu interior? O que elas nos contam? Falar de um lar é precisar vivenciá-lo, viver o ambiente-comportamento, sentir o porquê da colocação de cada objeto, da disposição dos móveis e verificar se existe alguma sala de estar que não seja a identidade da família e, assim, projetá-la, trazendo as memórias e a vida dessas pessoas para um interior que lhes diga algo, que lhes conte uma história, sem esquecer em um canto qualquer os objetos mais preciosos para eles – sem impor e sim ambientar as memórias e objetos.

Viver e analisar experiências reais dentro do convívio de uma família é penetrar na vida de uma pessoa e ir até onde ela levar. Ver como elaborou a sua casa, o porquê de cada objeto, a história, a memória, a disposição dos espaços e observar se realmente funcionou aquela sala de estar... Será que falta alguma coisa,

temos que eliminar algo ou vamos ter que iniciar do zero? O objetivo é projetar um ambiente dos sonhos.

A intenção do trabalho proposto é verificar como são as “Salas de Estar” fora das revistas. Como a dona da casa projeta o seu ambiente sem um design de interiores. Observar o ato de morar e as suas várias possibilidades e configurações de uma sala de estar em diferentes projetos arquitetônicos. A cada família, diferentes tipos de interiores, necessidades, vivências e memórias, o estar somente como estética para uma vida social ou o reflexo da família em seus objetos e móveis. Entender, em paralelo, na prática, o cliente e o design de interiores.

O bem-estar doméstico é algo demasiado importante para deixá-lo a cargo somente dos designers; é, como sempre foi, um assunto de família, de seu dia a dia, seus hábitos, seu conforto, enfim, aconchego. Descobrir, por meio da vivência e da pesquisa de uma família, o mistério do conforto, o que é belo para eles e suas histórias e memórias, porque, sem esses aspectos, os interiores não serão um lar, mas simplesmente uma moradia fria, capa de revista ou um ambiente decorado para fins sociais e econômicos.

Um projeto de interiores é apenas um gosto do designer ou uma parceria entre cliente e profissional? Mudar totalmente um conceito ou adequá-lo e transformá-lo com as bases de uma fundamentação pré-existente?

## 1 Alphaville



Engenheiro Yojiro Takaoka

“A urbanização é a partida para a habitação organizada, mas não é o único elemento responsável pela qualidade da vida urbana. Tanto assim, que não se consegue definir qual a pessoa mais feliz: aquela que mora num palacete, numa casa ou num barraco. O homem é feliz onde se julga feliz”.

*Engenheiro Yojiro Takaoka*

### 1.1 Yojiro Takaoka

Como ditava uma antiga tradição familiar japonesa, o filho mais velho teria, obrigatoriamente, que seguir a profissão do pai, razão pela qual Kentaro, irmão de Yojiro Takaoka, formou-se médico. Yojiro, por sua vez, pôde escolher livremente entre as três opções mais requisitadas na década de 40: Medicina, Advocacia ou Engenharia. A esse respeito, ele nunca teve dúvida queria ser engenheiro.

Para aqueles que queriam seguir essa profissão, a grande porta de entrada era a Escola Politécnica da USP. Fundada em 1894, a Poli era a instituição pública mais prestigiada na formação de engenheiros do país.

Yojiro começa o curso de engenharia, mas logo em seguida tranca a matrícula para servir o Exército. Por estar na faculdade, ele é destacado para o curso de Artilharia do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de São Paulo (CPOR/SP), cujo período letivo era de dois anos. Takaoka recebeu o diploma como Oficial da Reserva em 1946, mas ele retoma as aulas na Politécnica em 1945, onde se formou em 1949.

Os formandos do curso de engenharia encontravam um amplo e favorável mercado de trabalho. Os engenheiros eram muito requisitados, podendo optar ingressar numa empresa privada, numa estatal ou abrir sua própria empresa. São Paulo era um verdadeiro canteiro de obras e as oportunidades eram muitas.

Yojiro, mesmo antes da formatura, nunca pensou em trabalhar numa outra empresa que não fosse à dele. A influência de seu pai norteava os caminhos do engenheiro, que fora estimulado a pensar em grandes projetos e a se esforçar para que se transformassem em realidade. Então, ao deixar a universidade, ele já estava determinado a ter seu próprio escritório, a ser um empresário.

No grupo de amigos da Poli, ele conheceu Renato de Albuquerque, paulista da cidade de Fartura, que seria seu sócio e parceiro por mais de 40 anos.

## **1.2 Construtora Albuquerque & Takaoka**

Reportagem da revista A Construção, em 1989:

Tudo começou quando estávamos na Escola Politécnica da USP, eu estudando engenharia civil e o Renato preparando-se para ser engenheiro-arquiteto, uma especialidade que existia na época. E lá mesmo começamos a trabalhar juntos, em topografia.

*Engenheiro Yojiro Takaoka*

Eu era do Grêmio Politécnico e conhecia todo mundo. O Takaoka pediu que eu indicasse uma pessoa para fazer sociedade com ele. Sugeri o Renato e acabou

dando certo, relata o engenheiro Hélio Alves de Azeredo. Com Renato, Yojiro fundou uma das maiores empresas de construção civil do país.

Foi em 1949, no último ano da faculdade, que Yojiro Takaoka e Renato de Albuquerque alugaram uma pequena sala na Rua Wenceslau Braz, 78, próximo à Praça da Sé, no centro de São Paulo. Entre os poucos móveis, estavam três mesas juntas, onde ficavam os dois sócios e Roberto, irmão mais velho de Renato, a quem caberia a tarefa de cuidar da parte administrativa e financeira da empresa. Roberto seria o primeiro funcionário da construtora, que finalmente em 13 de março de 1951 é oficialmente constituída, com a denominação de Albuquerque & Takaoka Limitada.

O primeiro grande serviço da Albuquerque & Takaoka foi à construção de um conjunto habitacional com 150 casas populares em São Caetano do Sul.

Em 18 anos, a Albuquerque, Takaoka havia realizado raríssimas obras particulares. Foi só a partir de 1969 que a Construtora passou a atuar fortemente na edificação de apartamentos de luxo para a classe média alta, que podia se adquiri-los por meio do Sistema Financeiro da Habitação, do BNH (Banco Nacional da Habitação).

A investida no setor da habitação foi bem sucedida. Os primeiros prédios da Albuquerque & Takaoka, foram entregues em apenas um ano e com o passar do tempo e a experiência adquirida, esse prazo foi reduzido para a média de oito meses. Projetavam-se apartamentos de três dormitórios praticamente na mesma área onde se costumava fazer dois quartos, conta o arquiteto Reinaldo Pestana, tendo como sócio José de Almeida Pinto- os dois tornaram-se arquitetos oficiais da Albuquerque, em todos os empreendimentos da Construtora.

Em todos os apartamentos vendidos, Yojiro visitava pessoalmente os novos proprietários e de muitos foi amigo, a visita era de surpresa para conversar com a dona da casa. Às vezes atendia o marido e ele, dizia: - Eu quero conversar com a sua mulher, porque é ela quem dirige a casa. Quando ele aplicava novos produtos de acabamentos nas obras, queria saber qual era a receptividade daquilo. O que lhe interessava era o bem-estar das pessoas que viviam dentro de seus apartamentos. Yojiro acompanhava de perto tudo, até reparos após obra ele verificava e mandava executar. Até hoje os prédios dele representam uma grife. Um dos maiores e mais complexos empreendimentos em São Paulo foi o Ilha do Sul, um condomínio fechado, constituído de seis grandes torres de apartamentos e uma enorme área de

base, com tudo que o morador poderia almejar de serviços e espaços comuns de lazer e esporte, na Rua Padre Pereira de Andrade, no Alto de Pinheiros. A Albuquerque realizou uma obra que estava “além do tempo”, que revolucionou o conceito de moradia das classes mais altas de São Paulo.

### **1.3 Alphaville Centro Industrial, Empresarial e Residencial**

Após tornar a Albuquerque & Takaoka uma das maiores empresas construtoras de apartamentos em São Paulo e inovar o segmento com o Ilha do Sul, o engenheiro Takaoka mais uma vez pressentiu à hora da mudança e, no início de 1973, começou a idealizar o que seria um projeto grandioso. A princípio, uma cidade planejada. Ele apontaria as razões para a realização de um empreendimento fora da capital, ao analisar os problemas causados pela concentração das atividades produtivas e da população nos grandes centros.

O elevado grau de concentração gerou, de um lado, a abundância de investimentos do capital público em infra-estrutura, que, contudo, continuava insuficiente, e, de outro, vários problemas, tais como: marginalização das classes menos favorecidas, desaparecimento do verde, congestionamento e escassez de transporte, limitação à ampliação ou implantação de indústrias.

Diante desse quadro, Takaoka e seu sócio imaginaram um empreendimento que seria uma resposta aos problemas trazidos por essa concentração e tornava-se urgente o deslocamento do parque industrial.

A Construtora começa a procurar um espaço para tornar viável a implantação do futuro empreendimento, encontrando então uma antiga fazenda no município de Barueri, localizada a 23,5 quilômetros do marco zero de São Paulo, e dão andamento ao que se tornaria um marco na construção urbana do país: Alphaville.

A antiga fazenda onde o novo empreendimento seria implantado, denominada Tamboré, situava-se às margens do Tietê, nos municípios de Barueri e Santana de Parnaíba, e pertencia à família Penteado. Por uma questão de partilha, a fazenda havia sido dividida em três glebas entre os herdeiros, em 1935. A gleba maior continuou nas mãos do Penteado. As outras duas foram colocadas à venda no início dos anos 70. Uma delas, com pouco mais de seis milhões de metros quadrados, foi

adquirida pela Jubran Engenharia. A outra, com 5,5 milhões de metros quadrados, pela Albuquerque & Takaoka, cuja escritura foi lavrada no dia 22 de agosto de 1973.

A inspiração do nome Alphaville veio do filme dirigido pelo cineasta francês Jean-Luc Godard em 1965. O aspecto futurista da cidade, do filme, onde tudo funcionava perfeitamente, e a sonoridade da palavra- que mescla a letra grega “alpha” à terminação francesa “ville”, remetendo ao mesmo tempo à fabulosa cultura da Grécia antiga e ao charme francês- foram os fatores decisivos para a escolha do nome, como relata o arquiteto Reinaldo Pestana.

No início de 1975, a Construtora começa a comercialização do Alphaville Centro Industrial e Empresarial, um pólo com 19 quadras, entrecortadas pelas alamedas Araguaia, Tocantins, Madeira, Mamoré, Purus, Rio Negro, Amazonas, Xingu, Tapajós e Solimões. Enquanto o preço do metro quadrado na gleba da Jubran custava entre 180 e 300 cruzeiros, o da Albuquerque partia dos 380 cruzeiros, por causa da infra-estrutura. A primeira empresa a acreditar em Alphaville foi a Hewlett Packard, que adquiriu um lote na quadra um, medindo 20.184 metros quadrados, como consta na escritura datada de 30 de dezembro de 1974, mas a primeira empresa a se instalar em Alphaville foi a fábrica de móveis Babylandia, em 11 de setembro de 1975.



Revista Veja. Edição 369, 01/10/1975, p. 38.

O projeto Alphaville sofreu uma transformação influenciada pelas observações de um engenheiro americano, apelidado de *Skip Law*, responsável pela instalação da HP. Law falou aos diretores da Construtora sobre a sede da HP em Palo Alto, nos arredores da cidade de San Francisco, um centro empresarial que oferecia toda a infra-estrutura necessária, inclusive uma área reservada a residências, então o projeto foi redefinido para transformar o Quinhão nº 3 do Sítio Tamboré, em lotes residenciais a partir de 500 metros quadrados, em meados de 1975, nascia o residencial 1, o primeiro condomínio fechado horizontal do país. Para o engenheiro, ainda que os empresários não tivessem a intenção de morar em Alphaville, o condomínio de casas atenderia os diretores e gerentes das empresas. Essa foi a aposta de Takaoka.

"Foi muito interessante a formação do primeiro residencial, relata Reinaldo Pestana, porque o Takaoka colocava uma coisa na cabeça e o Renato muitas vezes não topava. Mas a idéia ficava martelando. Ele comentava: - Eu estou com vontade de fazer um residencial, porque, pensa bem, onde vão morar as pessoas que vêm trabalhar aqui? Nem digo os donos das empresas, porque já moram nos Jardins, no Morumbi, mas e os gerentes, os chefes de seção? Vamos fazer um residencial. Eu disse a ele: Um residencial aqui na beira do Tietê? O Zé Pinto concordou comigo e o Renato também, quase fechando questão que não queria. O Takaoka, então, começou a ir ao meu escritório para fazer o projeto do residencial, que não era Alphaville 1 ainda. Ele ia escondido. Falava:- vê o que dá para fazer, deixa eu ver (fazendo continhas), acho que são 1.200 lotes e precisamos fazer um clube também. Onde vai ser o clube?

Eu ia fazendo escondido. Aí um dia o Renato viajou e o Takaoka falou: - Vamos aprovar essa porcaria!

Foi aprovado o residencial, com clube no meio e tudo. Naquele tempo, era muito fácil aprovar um projeto, era só na Prefeitura e na Sanitária. Então, o Takaoka já pôs máquina no terreno e começou a calcular:- Se desses 1.200 lotes, eu vender pelo menos 200, entra dinheiro. Se eu fizer lote empresarial até lá embaixo, vai demorar mais dois ou três anos para vender. Pelo menos, começa a entrar dinheiro já, para que a gente possa continuar o projeto.

Eu dizia: Mas você já vai investir nesse lugar assim, sem pensar duas vezes? Ele retrucava:- O dinheiro da obra é sempre o mesmo, a gente gasta sempre a mesma coisa. Você tem um x para gastar e vai gastando esse x.

E deu no que deu. Todo mundo sabe no que se transformou o bairro hoje. O Renato não ficou muito feliz, é claro. Mas foi feito e foi um sucesso. O miolo do Residencial 1 foi vendido rapidamente. Aí fizemos o Residencial 2, que a HP estava quase comprando para construir mais uma parte da empresa. Foi um fracasso total, vendeu 100, 150 lotes. E nós começamos analisar porque não tinha vendido. Os profissionais liberais, que compravam muito aqui, engenheiros, médicos, publicitários, dentistas, estavam sofrendo com a inflação e não podiam mais tirar 300 cruzeiros por mês, em 36 meses, com uma entrada de 10%. A Construtora, então comprou uma parte do Arthur Castilho (dono da Tamboré), onde foram feitos os Residenciais 3 e 4. Nós projetamos a Avenida Alphaville, que hoje chama-se Avenida Yojiro Takaoka. A grande jogada foi fazer lotes menores, de 300 e 360 metros, e não mais 560 e 600 metros como no 1 e no 2. Resultado: o Residencial 3 foi vendido em quinze dias e o 4 em um mês. Na esteira dos Residenciais 3 e 4, o 2 começou a vender também, porque os corretores falavam: *Tem um residencial já pronto aqui*. E quem tinha dinheiro acabava comprando.

A essa altura, a Construtora já tinha os terrenos para os Residenciais 5,6,7 e 8. O 7 não foi feito porque um grupo de empresários comprou o terreno. Bom, daí para diante, sempre teve fila para comprar os terrenos."

A iniciativa no setor residencial foi um sucesso: uma parcela considerável dos 960 lotes do Alpha 1 foi vendida em menos de seis meses. Esse sucesso deveu-se à qualidade ambiental e de uma solução economicamente viável. Para ilustrar, diria Takaoka, basta citar que o mesmo dinheiro empregado na compra de um terreno a dez minutos de Alphaville, como Alto de Pinheiros, seria suficiente para adquirir o terreno e construir a casa em Alphaville.

A ALBUQUERQUE, TAKAOKA S.A.  
está lançando no mercado uma nova opção de investimento:

**POUPANÇA IMOBILIÁRIA,**  
sinônimo de  
**ALPHAVILLE RESIDENCIAL 5**

Em Alphaville Residencial 5 você investe em lotes  
desde 360 m<sup>2</sup>, com mensalidades a partir de Cr\$ 44.851,00.  
Se, futuramente, você optar por rescindir o Contrato  
de Compra, recebe imediatamente sua aplicação de  
volta, acrescida de juros e correção monetária.

**POUPANÇA IMOBILIÁRIA**  
é assim:  
você semeia em terras de  
**ALPHAVILLE RESIDENCIAL 5**  
e colhe **VALORIZAÇÃO,**  
**JUROS e CORREÇÃO MONETÁRIA.**



ALPHAVILLE  
RESIDENCIAL 5  
Ponto de vendas  
Alphaville, Av. II  
da Cordeiro Leiteira,  
Tupac - 421-1396  
421-1395 421-1340



Projetada,  
projetos e construção  
CONSTRUTORA  
ALBUQUERQUE,  
TAKAOKA S.A.  
Alameda Santos, 132  
São Paulo

**ALPHAVILLE**

ALPHAVILLE RESIDENCIAL 5 - Ponto de vendas: Rua dos Bandeirantes, 1.200 - Jd. Alameda - São Paulo - SP - Tel: (011) 421-1396  
ALPHAVILLE RESIDENCIAL 5 - Ponto de vendas: Rua dos Bandeirantes, 1.200 - Jd. Alameda - São Paulo - SP - Tel: (011) 421-1396  
ALPHAVILLE RESIDENCIAL 5 - Ponto de vendas: Rua dos Bandeirantes, 1.200 - Jd. Alameda - São Paulo - SP - Tel: (011) 421-1396

Revista Veja. Edição 664, 27/05/1981, p. 20.

O fato de os terrenos estarem sendo vendidos em um ritmo acelerado não significava desenvolvimento para a região. Foi, sem dúvida, a percepção do urbanizador que transformou um loteamento distante da capital, sem serviços e despovoado, em um lugar que as pessoas acreditassem ser um sonho para se viver.

O Takaoka costumava falar para mim: - Reinaldo, precisa ter muito verde. Verde vende. Havia certas coisas que o Takaoka pressentia. Quando fizemos o Residencial 1, ele falava: - Reinaldo, ninguém vai querer vir morar aqui, eu vou gramar tudo isso, vou plantar eucalipto, pinheiro e vai ficar um jardim. E não foi só isso. Você quer mais do que a invenção da Mu'leka, a danceteria do clube de Alphaville? Certa vez, um amigo publicitário comentou comigo: *Olha, a gente se esforça tanto para fazer uma jogada de marketing, aí vem um louco de um japonês que, para vender lote, fez uma casa noturna que é a mais linda de São Paulo. Pode um negócio desse?!* Eu disse: Pode, fui eu que projetei a danceteria e sei quem é o japonês. Pois com a Mu'leka, ele atraiu muitas pessoas para Alphaville. O Takaoka

sabia que era preciso ter um público bom para comprar os lotes. Então, ele visitava a diretoria de grandes empresas e convidava para um jantar na Mu'leka. A pessoa passava uma noite maravilhosa, vinha e voltava pela Castelo Branco sem acontecer nada e ia perdendo o medo da rodovia. Essa estratégia foi toda dele.

*Arquiteto Reinaldo Pestana*



Interior da danceteria Mu'leka, dentro do clube (SACCHI, 2003, p.152).

Com o empreendimento apontando para o rumo certo, a necessidade de criar um local para o comércio era iminente. Mas isso só ocorreu em 1981 por causa de um posseiro que ocupava a área onde seria o centro comercial, foram oito anos de litígio para que o projeto saísse do papel.

A construção da gruta relatada pelo Engenheiro Marco Antonio Reynol:

"Numa das reuniões de segunda-feira, já que toda segunda a gente se reunia para falar dos projetos, o Takaoka, que nem era tão católico como o Renato e o restante de nós, disse: - Está faltando em Alphaville uma igreja. Não foi projetada. Todo lugar tem uma igreja e aqui não tem.

Foi ele quem teve essa preocupação espiritual com os moradores. Isso nunca tinha passado pela nossa cabeça, e ele estava coberto de razão. Mas nós ponderamos que não havia espaço para construir a igreja. Aí ele já tinha a solução pronta:- Igreja é coisa que nós não vamos vender, ninguém vai enxergar com maus olhos se a



Capela Nossa Senhora de Lourdes, feita em forma de gruta. (SACCHI, 2003, p.157).

gente construir na praça e doar a construção. Ele teve a idéia de fazer a igreja em forma de gruta na Praça Oiapoque, que, na verdade, virou praça devido à quantidade enorme de pedras que havia lá, inviabilizando a formação de lotes. A gruta foi feita com as próprias pedras e com ajuda de um trator. O Takaoka chegava lá e fazia um gesto com a mão, mostrando o quanto o teto da capela deveria ficar abaulado. "Ele sentiu essa necessidade dos moradores e deu à igreja uma conotação bem natural de gruta."

Sobre a gruta, o encarregado-geral, José Monteis conta que o Takaoka orientava o trabalho todos os dias. Ele dizia: - Movimenta essa pedra para cá, põe aquela outra lá.

Foi uma obra de arte, e feita sem projeto!"

Assim, o Alphaville Industrial, Empresarial e Residencial começou a viver e tomar forma de paraíso verde.

## **1.4 Alphaville Residencial 1**

### **1.4.1 Primeiros moradores e infraestrutura**

No início, o engenheiro, programou uma série de medidas para acelerar o desenvolvimento do bairro. A fim de dar a partida no residencial e definir o padrão de construção, o urbanizador construiu 30 casas no condomínio, quebrando o círculo vicioso de que não se constroem casas porque não há outras em construção. Takaoka iria mais longe, ao oferecer as casas que construiu para os clientes morarem durante o período de construção de suas próprias residências, eliminando, assim, mais um ponto negativo que seria a falta de vizinhos.

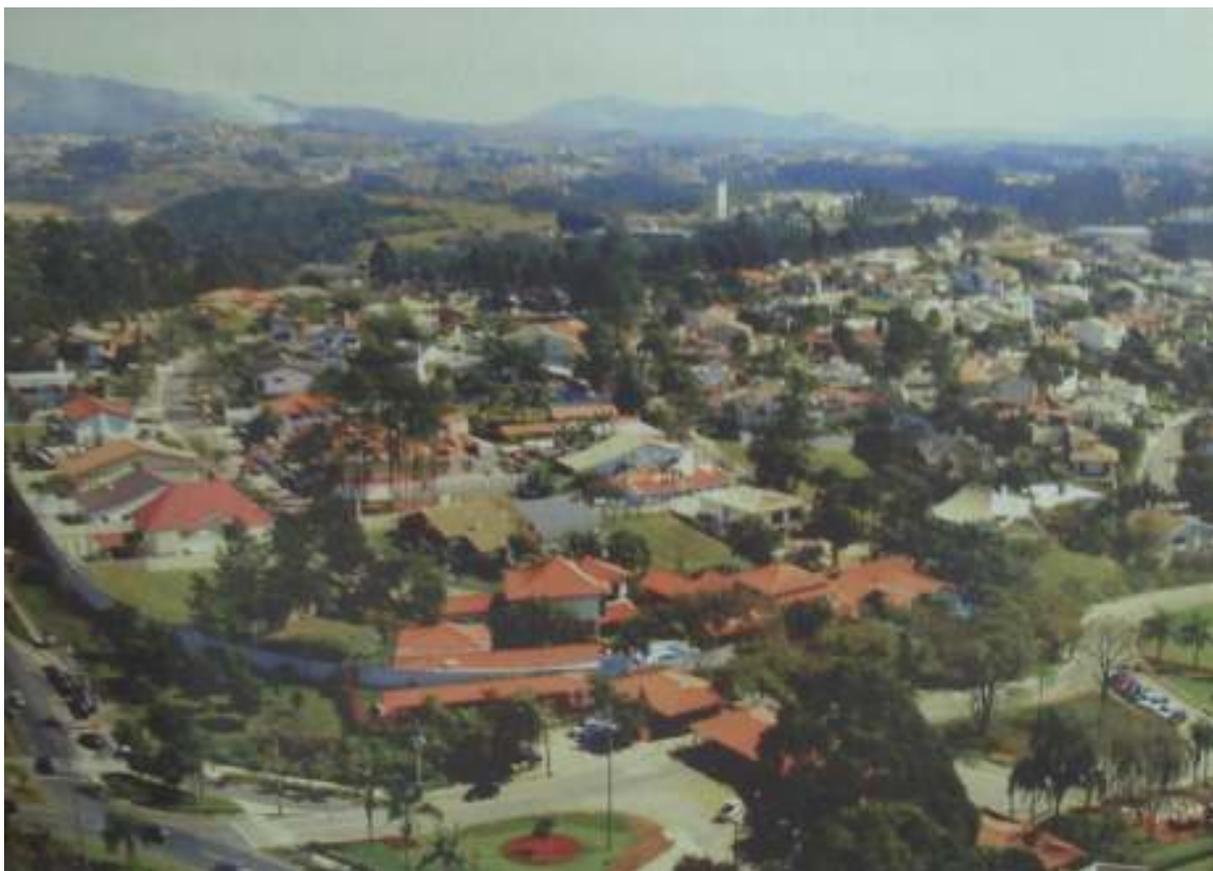
Um anseio importante da comunidade era relativo à educação das crianças. A construtora propôs no início transportar as primeiras 50 crianças até suas escolas, mas foi uma loucura, o ônibus tinha que passar por 38 escolas diferentes, então propuseram que as crianças ficassem pelo menos em escolas no mesmo bairro, mas a melhor alternativa surgiu por parte das mães, que resolveram se revezar no leva-e-traz dos filhos, assim originou um espírito comunitário entre os moradores. Esse espírito comunitário, aliado ao moderno estatuto elaborado pela Construtora, possibilitou um eficiente sistema de co-gestão que permitia aos moradores definir e cuidar do residencial em todas as áreas, sem nenhum auxílio das autoridades públicas.



Vista aérea da portaria do Residencial 1, em 1976 (SACCHI, 2003, p. 163).

"O Dr. Takaoka escutou um menino pedindo pão para a mãe lá no clube e ela respondeu: *Agora, só quando o seu pai voltar do trabalho amanhã.* Como ele escutava tudo o que queria e sabia exatamente o que fazer com cada informação, logo virou para mim e disse: - Vai arrumar pão e leite para todos os moradores. Eu retruquei: Mas como, Dr. Takaoka? Fazendo um gesto com a mão embaixo do queixo, ele disse:- Se vira!

Foi quando eu fui falar com o Albino, dono da padaria mais próxima, que ficava no centrinho de Barueri. Era bem pequenininha e eu tive que convencê-lo a entregar pão e leite aqui em Alphaville, à custa da Construtora. Ele concordou depois de muito custo, e hoje tem duas padarias que são verdadeiras potências no bairro."  
*Neide de Jesus Farias.*



Vista aérea da portaria do residencial 1, em 2003 (SACCHI, 2003, p. 163).

A vida das pessoas começa em Alphaville. Um jeito de moradia diferente da grande metrópole: crianças correndo pelas ruas, carros que andam a velocidade de 20 Km/h dentro do residencial, o espírito de vizinhança e amizade surge entre os moradores.

"Eu fui para Alphaville quando ainda não tinha nada lá, nem padaria. Tinha filhos pequenos, e gostei demais do condomínio que ficava próximo do meu trabalho em Osasco. Eu podia até ir almoçar em casa e tinha qualidade de vida. Alphaville estava nascendo e o Dr. Takaoka era uma pessoa muito presente. Você encontrava com ele no estande de vendas ao lado do que hoje é o Shopping Iguatemi. Ele estava lá até de domingo, quando vinha com a família... Alphaville era quase uma família, a gente não conseguia formar um time de futebol, de tão poucas pessoas que moravam no bairro. Depois, era preciso chegar às 5 horas da manhã, de tanta gente que tinha. O Dr. Takaoka era uma pessoa com uma sensibilidade e uma visão muito à frente. A minha definição é que ele era um bombeiro. Ele sempre estava lá na hora certa,

quando você precisava dele, era sempre o primeiro a chegar, estava sempre de cara alegre, com o semblante de uma pessoa feliz, muito feliz."

*Epaminondas José da Cunha.*



Foto do cotidiano em Alphaville, 1977. (SACCHI, 2003, p. 161).

O modelo de segurança de Alphaville foi pioneiro e teve a orientação direta do engenheiro Takaoka. Quem o ajudou nessa empreitada foi o Coronel Castro. Após essa ideia de Takaoka, utilizando os serviços da Polícia Militar, com o consentimento do Comando Militar, é que as empresas de segurança particular começaram a surgir no país.

Quando o Dr. Takaoka estava desenvolvendo o trabalho de terraplanagem e o Residencial 1 já estava sendo formado, ele procurou o comando do 14º Batalhão, em Osasco, e solicitou ao comandante que indicasse um policial capaz de

desenvolver um sistema de segurança de primeiro mundo em Alphaville, assim o comandante indicou o Coronel Castro, que era tenente e oficial de confiança dele.

As expectativas de Takaoka era que o bairro tivesse como sistema de segurança algo semelhante aos Estados Unidos, os melhores homens, as melhores viaturas, e um conceito tático e estratégico capaz de ser um modelo. Takaoka fala para o Coronel: - Eu quero que o senhor exagere. Quero bastante segurança, capaz de encher os olhos de quem vier aqui para Alphaville.



Segurança do Residencial 1. (SACCHI, 2003, p. 166).

A partir daí, o Takaoka deu carta branca para o Coronel, para montar a equipe e propor o que ele precisasse. Diante dessa alternativa foi pedido 5 carros Dodge Dart, com high light, porque eram carros bonitos, do momento, e também por serem bem parecidos com os da polícia norte-americana. O Takaoka fez questão de que a equipe fosse toda de policiais militares, foram uniformizados de preto, ao estilo norte-americano. No início de Alphaville, por orientação do Takaoka, a segurança

fazia inclusive o papel de atender os moradores. Não raras vezes, levavam crianças à escola, em São Paulo, e ficavam esperando na saída, isso porque a estrutura de Alphaville ainda era muito pequena.

Um sistema de segurança dentro e fora dos residenciais que era um modelo e ainda hoje é referência. Sistema de patrulhamento nas alamedas dos residenciais, rádio e câmera de segurança, que é executado com muita eficiência e cordialidade dos policiais.

Motivo esse que fez com que muitas pessoas fossem morar em Alphaville, saindo do perigo de São Paulo e encontrando segurança, verde e outra educação para seus filhos, qualidade de vida.



Pista de skate do clube de Alphaville. (SACCHI, 2003, p. 149).

Relato da 19ª moradora de Alphaville, Dona Marisa Maffei:

"A minha família foi a 19ª a mudar para o Alphaville Residencial 1 em 1977, naquela época não havia ainda nenhuma infraestrutura, entregavam leite e pão na porta de casa e as compras eram feitas na rua principal de Barueri, a única asfaltada, o supermercado chamava-se Oswaldo e Joel. Lembro-me que as donas de casa se cotizavam indo até o CEASA para comprar comida e ao chegar em Alphaville, todos se encontravam na portaria para adquirir a comida, mas eu não participava. Como tínhamos que ter estoque de comida, remédios, etc., todas as casas tinham despensas grandes e até hoje são assim.

O clube era onde todos se encontravam, todos se conheciam, tinha até cabeleireiro, foi ótimo o sentido de vizinhança. As crianças andavam de bicicleta livremente, de mobilette, ficavam soltas dentro do residencial, isso foi possível por causa da segurança, a qualidade de vida que tivemos para elas é inesquecível.

Foi só em 1982 que começou o comércio e serviços em Alphaville, banco, açougue, farmácia, etc..., o Takaoka almejava que existisse tudo aqui e que as pessoas não precisassem ir para São Paulo, apenas para passeios, e hoje é assim. Dentro dos residenciais continua tudo igual, mas fora dele virou uma cidade, lembro-me com nostalgia aqueles tempos."

O Takaoka construiu casas para alavancar o condomínio, mas como eram essas casas? Qual era o perfil do morador? Essas casas ainda atendem os moradores?

#### **1.4.2 O interior de uma residência de 1980**

Uma das casas feitas pelo Engenheiro Takaoka é a da Alameda Portugal, no Residencial 1, e foi adquirida em 1980 pela família Gargantini.



Fachada da Alameda Portugal. Acervo pessoal. 2011.

Em uma quinta-feira chuvosa, dia de Corpus Christi, um amigo da família convidou-os para conhecer Alphaville, a Dona Vanda Gargantini não gostou, achou tudo muito deserto. O marido convenceu-a voltar em um dia ensolarado; foi quando entraram nesta casa e viram seus três filhos correrem em volta do jardim e na rua. Na mesma hora a sua opinião mudou e compraram a casa.

Mudaram para a casa com os móveis do apartamento de São Paulo e, logo depois de sete meses, mobiliaram a residência que continua até hoje com quase tudo igual.

"Lembro-me que meu marido, agora falecido, construiu uma pista de madeira na rua, para que os nossos filhos brincassem de skate, patins e bicicleta. Todos os meninos da vizinhança vinham brincar, entravam em casa e saíam toda hora, as portas não tinham chaves, era tudo aberto, tínhamos toda a segurança e podíamos ver nossos filhos soltos, era uma alegria e hoje vejo as minhas netas na mesma qualidade de vida." Vanda Gargantini



A sala de estar. Acervo Pessoal. 2011

Os móveis em laca arredondados com frisos dourados imperavam naquela época; percebe-se que todos os cantos dos móveis são arredondados e era muito comum o bar fazer parte da sala de estar. As mesas de canto eram iguais e simétricas.



A sala de jantar. Acervo Pessoal. 2011 A sala de TV. Acervo Pessoal. 2011

A sala de jantar com a mudança de uso da casa transformou-se em sala de TV e uniu-se à sala de estar. As casas construídas naquela ocasião tinham uma sala de estar conjunta com a sala de lareira e a sala de jantar separada, que ficava ao

lado da copa e cozinha. As televisões ganharam dimensões e espaço de convívio familiar.



Porta em vitral. Acervo Pessoal. 2011



Cuba dourada no lavabo. Acervo pessoal. 2011

O lavabo com a cuba e metais dourados sobre um tampo de madeira e a porta da divisão da área íntima em vitral continuam preservados e em perfeito uso. Tudo é tão penetrado de afetos, móveis, cantos, portas e desvãos que mudar é perder uma parte de si mesmo; é deixar para trás lembranças que precisam desse ambiente para reviver.

"Hoje eu não mudaria nada em minha casa, porque tudo me lembra a vida que tive com o meu marido e meus filhos, cada objeto, cada foto, cada canto, eu me lembro dos almoços em família, dos meus filhos correndo e brincando, cada metro quadrado do interior desta casa faz parte da minha vida."

*Vanda Gargantini*

## **1.5 A cultura local**

Quando surgiu Alphaville, na década de 1970, muitos pais de classe média de São Paulo viram neste empreendimento uma ótima chance de proporcionar a seus filhos uma infância e juventude livre da poluição e da violência. Nessa verdadeira bolha socioeconômica, crianças e jovens crescem despreocupados, mas como tudo não é perfeito, eles também crescem e cresceram isolados da realidade complexa das grandes metrópoles brasileiras, diferenciação de classes e não de localização geográfica. Os jovens de Alphaville, "filhos da bolha", mostram despreparo para as tarefas mais simples da vida na cidade. Os desafios da cidade grande são muito maiores para esses adolescentes. "Acho que jamais conseguiria atravessar a Avenida Paulista", relata Carolina Vergara, 14, de Alphaville, para a Revista Veja, Edição 1397, 21/06/1995.

Os filhos da bolha não sabem andar de metrô – talvez tenham andado uma única vez em passeios turísticos. O fato de viver entre iguais, num estado de absoluta homogeneidade social, leva-os a enxergar tudo o que é diferente como fonte de perigo. Os pais acreditam que morar em São Paulo, para os filhos, é viver trancado em um apartamento e, em Alphaville, é viver pelo condomínio.

A segurança oferecida em Alphaville e os espaços livres oferecidos pelo condomínio acabam atraindo os parentes e amigos, o que reforça a vida de todos, não a maioria, em um casulo. Para alguns moradores de Alphaville, existe a preocupação de que seus filhos não conheçam a realidade da vida. Então, cada família tem a sua educação, a preparação para vida ou, então, acreditar que a "bolha" é a melhor saída para os dias de hoje.

Existe uma cultura diferenciada hoje, mais do que na década de 1970. Com a migração de empresas para Alphaville e região, houve um aumento da população, desde presidentes a funcionários. Portanto, hoje, existem todos os tipos de classes sociais, criando uma miscigenação cultural dentro de escolas, clubes, etc., o que melhora a vida dos "filhos da bolha". Mas o perfil de Alphaville ainda está descrito nos "filhos da bolha" das décadas de 1970 e 1980; dentro dos residenciais estão protegidos e fora deles o mundo é real.

## **1.6 A transformação externa**

Com o incentivo fiscal dos municípios, principalmente o município de Barueri, as grandes empresas como Dupont, C&A, Tramontina, etc., começaram a se instalar na região, com isso trazendo os funcionários antes estabelecidos em outras regiões para Alphaville. Assim, aumentou a demanda por imóveis residenciais próximo ao trabalho.

As construtoras locais, mediante tal demanda, viram que a ascensão comercial foi muito grande: começaram a explorar a região com torres de prédios comerciais e residenciais. Uma região que era para ser totalmente horizontal começou a ser também um bairro vertical.

A invasão das empresas de pequeno, médio e grande porte na região foi aumentando de forma rápida e desordenada; o planejamento de um bairro, que na sua origem era para ser horizontal, transformou-se em sua grande parte em vertical, fora dos condomínios. As empresas instalaram-se em Alphaville pelo incentivo fiscal e pela grande abundância de mão-de-obra das cidades vizinhas, como Jandira,

Itapevi, Carapicuíba, etc. e, por pressão política, o bairro foi se descaracterizando pela geração de empregos dessas empresas, surgindo o trânsito em Alphaville e acabando com a paz dos moradores.

Um local com paz e tranquilidade, em que não existiam faróis e havia apenas lombadas, foi se transformando em um grande centro empresarial, o que, para os antigos moradores das décadas de 1970 e 1980, virou um caos de uma grande cidade.

Hoje, quando um morador sai de seu condomínio, depara-se com guardas de trânsito por toda parte, onde antes podiam andar de bicicleta com seus filhos. A grande mudança externa igualou-se à grande capital. As prefeituras locais estão se mobilizando para resolver este caos diário de Alphaville.

## 2 As casas e seus interiores

"A habitação, a casa, a moradia, a máquina de morar, muito mais que projeto e construção material é receptáculo de mitos, de práticas e de acontecimentos que, cotidianos, ganham às vezes outra dimensão no campo afetivo: sons, formas, volumes replicantes, que se perderiam de outro modo."

*Ludmila de Lima Brandão*

### 2.1 A casa memória

Sr. Pepe, morador de Perdizes, São Paulo, em um dos empreendimentos da Construtora Albuquerque Takaoka, foi convidado pelo Engenheiro Yoshiro Takaoka para conhecer Alphaville Residencial 1, um novo empreendimento da época onde se vendiam sonhos de moradia, a terra do futuro, relata Heitor Manrubia, filho do Sr. Pepe.

Pepe comprou um lote no Residencial 1, na Alameda Itália, um dos pontos mais altos do condomínio, onde se avistava um horizonte de áreas verdes, um céu azul e límpido e, a cem metros, um quarteirão de lazer, o Alphaville Tênis Clube, localizado dentro do residencial. Quando viu imensa beleza, convidou os seus filhos, Heitor e Ricardo, para conhecer o futuro. Heitor, o filho mais velho, apaixonou-se pela terra do futuro, mas infelizmente não tinha condições de comprar; então, o seu tio, irmão de Pepe, ajudou-lhe. Os lotes eram vendidos em 60 meses, e os valores eram baixos em relação a São Paulo. Foi assim adquirido o seu primeiro lote na Alameda Rússia, com vista espetacular para o verde.

Heitor e sua esposa, Claudete, em 1980, tinham um filho de 7 anos e planejavam a casa dos sonhos; almejavam uma qualidade de vida para o seu filho andar de bicicleta na rua, viver ao redor do verde, com amigos em casa, segurança e educação privilegiada, diferentemente do que tinham em São Paulo.

A casa foi projetada pelo irmão de Claudete, Clovis Chiezzi. Ao entrar, tinha uma sala de estar, ao lado esquerdo, com vidros para integrar o externo e o interno, deixando o verde invadir as salas; logo ao lado direito, uma sala de jantar, que era delimitada por portas de madeira com vidro, muito usado naquela época, com acesso à cozinha. À vista da entrada principal, observava-se meio lance de escadas para o pavimento superior, com uma parede revestida de tijolinho, onde se encontrava uma sala íntima e três suítes e, no mesmo corpo da escada, sendo meio lance para baixo, o pavimento inferior, salão de festas, TV, churrasqueira e uma grande área para piscina, um espaço protegido pelo verde. O sonho começou em 1983: casa pronta e uma nova vida. Seu filho, Renato, já tinha dez anos e tudo planejado para o seu futuro.

Logo teve a primeira surpresa: Claudete estava grávida de uma menina, Anna Beatriz. Os anos foram passando e a utilização dos espaços foi mudando. A sala de estar tornou-se totalmente formal, apenas para visitas, o salão de festas, o recanto dos adolescentes e a sala íntima, o aconchego da família. Moraram nessa casa durante 16 anos e buscaram algo mais grandioso: um terreno no Residencial 2, de 1.000 metros quadrados, na Alameda Colômbia, ao lado de um parque do próprio condomínio, com quadra poliesportiva, lagos, árvores frutíferas, animais soltos como patos, galinhas, coelhos e até capivaras, coisas que não vemos em São Paulo e ao lado de casa. Assim, o segundo projeto foi elaborado com a base de distribuição através das salas de estar, de jantar e um *family room*, tudo para atender a um novo cotidiano. O projeto foi consolidado no início de 1996, casa pronta em 1998, quando Claudete ambientou todos os espaços e começou uma nova vida, com outros comportamentos através das mudanças dos espaços domésticos. A verdade é que a construção em que vivemos e os objetos, móveis e memórias fazem o nosso lar e evocam a nossa intimidade mostrando o nosso “eu” familiar.



Imagem da fachada da Alameda Colômbia. Acervo pessoal

É fácil compreender por que desejamos que atributos como dignidade e clareza tenham um papel em nossas vidas, menos claro é por que também necessitamos que os objetos a nossa volta nos falem deles. Por que faz diferença o que o ambiente em que vivemos tem a nos dizer? (DE BOTTON, 2007, p. 107).

O conceito dos espaços sociais e de convivência familiar foi objetivado como sala de estar, sendo o local de recepção para amigos e familiares, o *family room*, sendo o interior da família e o lar propriamente dito, a área íntima e privada – não esquecendo a questão do bem-estar em que todos os ambientes teriam que estar voltados para o verde, para contemplação das árvores e passarinhos.

O lar de que se trata o abrigo familiar, a proteção e o conforto é modelado por meio do comportamento das pessoas que lá vivem; é como no século XIX, em que as pessoas criam seus ambientes domésticos e transformam em um território feminino: a dona da casa decora a sua moradia e é excluída do trabalho doméstico. Depois de anos, ainda observamos os mesmos moldes, mas com ressalvas: o homem participa da compra de móveis e objetos e também define locais de memórias.

Ao entrar no lar da família, nos deparamos com uma coleção de guarda-chuvas e bengalas no hall de entrada central. Curiosamente foram adquiridos em viagens internacionais. Em todos os lugares, ou quase todos, a senhora da casa procurava um guarda-chuva que lhe transmitisse sentimentos e procurava até encontrar, alguns de Londres, Turquia, Noruega e Nova York – cada um conta uma história, uma vivência e também aventuras.



Coleção. Acervo pessoal

Logo à direita a sala de estar, uma visão ampla de todos os ambientes, mas com espaços determinados, separados por sofás ou poltronas; um teto arredondado com pé direito alto, vidros e uma enorme lareira ao fundo com a única tela da casa em destaque.



Sala de estar. Acervo pessoal

Encontramos harmonia, equilíbrio de ordem e de regularidade visual. A simetria dos sofás, as unidades de um lado são idênticas às do outro lado, tons neutros sobre um piso de mármore que se destacam por meio do colorido dos tapetes.



Espaço para recepção. Acervo pessoal

Há situações em que o arranjo especial de objetos escolhidos com critério tem a propriedade de investir o ambiente de significado ou de transmitir conceitos muito bem definidos. Um caso facilmente identificado é dos espaços sagrados, logo reconhecidos pela característica dos objetos presentes e sua disposição tradicional. (texto Prof.<sup>a</sup> Maria Izabel).

É o caso do espaço sagrado da residência, em frente ao bistrô, na sala de estar, parede em tom pastel, contraste vertical para destacar o grande Espírito Santo, colocado em um ponto mais alto e centralizado, que fica iluminado até a sua filha retornar ao lar (proteção) e atua como o guardião de um estado de espírito.



Espaço sagrado. Acervo pessoal

O ambiente de estar vai concretizar certas práticas e relações, mostrando arranjos espaciais determinados por móveis ou objetos.

Sala para receber em formato retangular, piso de mármore brilhante com tapetes persas (o último veio da Turquia), sofás neutros com estampas nas almofadas, cadeiras em madeira, mas forradas com tecido na cor ouro, clássica, contrapondo com a mesa central em vidro com baús pretos modernos sob ela, cortinas brancas com detalhes em marrom, mas sempre abertas ao receber visitas, enfatizando a vista do lazer, contemplação do verde, ambiente intimista e, ao mesmo tempo, com locais descontraídos como a lareira, mas rico em memórias. Os materiais a nossa volta nos falam das mais altas expectativas que temos com relação a nós mesmos.



Sofás e mesa de centro. Acervo pessoal



Lazer. Acervo pessoal



Lareira. Acervo pessoal

A lareira foi usada uma única vez em 12 anos; ela só é enfeitada no Natal, com um grande presépio. Em frente, uma mesa branca, quadrada e neutra; existe outra coleção, pai e filha, caixinhas trazidas de viagens adornam o ambiente e um único quadro, contraste em movimento, pode nos ajudar a recuperar as partes perdidas e importantes de nós mesmos, talvez esteja à esperança de que pela

contínua exposição ao quadro, a sua imagem viesse assumir um poder maior sobre nós – a imagem torna-se um efeito importante na sala, a sua paleta de cores é acompanhada nos tecidos e objetos.



Coleção. Acervo pessoal

A circulação é determinada pelos móveis. No entanto, os tapetes e passadeiras persas determinam espaços vazios e de entrada e saída de ambientes. Encontramos na sala o local dos objetos, escolhidos com sentimento e adoração ao belo; o gosto está presente em cada canto, fazendo parte de uma vida e de sua memória.



Espaço das esculturas. Acervo pessoal



Objetos da Índia, Turquia, Grécia e Berlim.



Relógio de família

“Colocamos ao nosso redor formas materiais que nos comunicam aquilo de que precisamos interiormente – mas estamos sempre correndo o risco de esquecer”. (DE BOTTON, 2007, p. 107)

Essa sala de estar formal é diferente do texto de Alain de Botton. Encontramos o interior dos moradores sempre presentes, uma história, uma vivência em todos os objetos, a imagem projetada e o prestígio são vivenciados por todos; nada é esquecido e os objetos são memórias e não apenas enfeites.

Partimos para a outra sala, o privado, que é o princípio da grande sala familiar, com integração e convívio da família. É o local onde fazem as refeições diárias, relaxam em frente a uma grande tela de TV, com espaço de leitura e estudos, local de brincadeiras com as netas e sem esquecer o descanso dos cachorros que hoje em dia fazem parte da família.



Sala familiar. Acervo pessoal

A mesa de refeições foi escolhida em formato quadrado para ter proximidade, ser informal e dar aconchego, ao redor cadeiras Thonet restauradas, que vieram da antiga casa; a mesa foi escolhida para as cadeiras, que são os móveis mais importantes para a dona da casa.



Mesa de refeições. Acervo pessoal

O posicionamento da mesa é específico para dar visão ao exterior, que possui área verde: olhar para os pássaros e para o verde é relaxante na hora da alimentação, relata a moradora.



Vista da mesa de refeições. Acervo pessoal



Sofá em frente à grande tela de TV. Acervo pessoal

O tapete delimita o ambiente e é fácil de limpar, por causa das netas e dos cachorros, como também o sofá de cor clara, revestido com tecido náutico, e a cadeira *Lounge Chair* (Charles & Ray Eames) de couro. O espaço é todo voltado ao lazer. Em dias de festa e churrascos o ambiente faz parte da comemoração.



Estante das fotos e livros. Acervo pessoal

Vivemos aqui uma experiência de morar em uma cidade dos sonhos. Entramos no lar de uma família e sentimos as suas histórias e memórias. Conhecemos uma residência decorada pela própria dona, com interior feito em 1998 e atualizado até hoje. À primeira vista, podemos experimentar certa tristeza ao verificar o quanto as pessoas se distanciam do seu espírito observador, dentro de suas casas, e de valorizar a beleza e nobreza da vida cotidiana. O desejo de calma e paz corresponde à nossa paisagem interior – uma ausência que talvez explique o desejo de vincular as nossas emoções aos nossos lares; os espaços podem falar de tristezas e também, com muita facilidade, do que achamos belo e transpomos ao nosso ambiente dos sonhos.

Vemos por meio dessa casa que o design não tem todas as aptidões necessárias para, *sozinho*, interpretar um ambiente a ser desenvolvido e buscar a sua concretização. Sempre vai faltar algo: colocamos o belo, mas a conversa, ou seja, o simples convívio dentro de um lar conseguiu um interior vivo, uma história, uma memória e não somente móveis e objetos inseridos. A nossa verdade real de um ambiente está fundamentada no comportamento dos seres que lá vão habitar, de suas vidas e de suas memórias.

O bem-estar doméstico é algo demasiado importante para deixá-lo a cargo somente dos designers; é, como sempre foi, um assunto de família, de seu dia a dia, seus hábitos, seu conforto, enfim, aconchego. Temos que descobrir, por meio da vivência e pesquisa de uma família, o mistério do conforto, o que é belo para eles e suas histórias e memórias, porque, sem esses aspectos, os interiores não serão um lar, mas simplesmente uma moradia fria, capa de revista ou um ambiente decorado para fins sociais. O design tem que vivenciar um lar e inserir a família dentro do conceito a ser usado, usar a linguagem do belo sem esquecer-se dos objetos familiares, que não são apenas objetos.

## **2.2 A casa sem estilo**

O espaço doméstico, a casa da gente é, antes de tudo, o território onde se desdobram e se repetem dia a dia os gestos das "artes de fazer". Entrar em casa, lugar próprio, não poderia ser o lugar de outrem. Todo visitante é um intruso, a

menos que tenha sido convidado a entrar. Mesmo neste caso, o convidado deve saber "ficar no seu lugar", sem atrever-se a circular por todas as dependências da casa. Deve saber abreviar sua visita, para não tornar-se importuno, ser levado até onde os moradores o permitem. Então, a visita de um designer em território privado vai depender muito do cliente e o acesso é autorizado por ele. Simpatia e discrição fazem com que o morador da casa se solte e revele entre linhas o que o designer precisa saber. O território privado revela a personalidade de seu ocupante e, sem disfarce, o nível de renda e as ambições sociais.

Um lugar habitado pela mesma pessoa durante certo tempo esboça um retrato semelhante, a partir dos objetos (presentes ou ausentes) e dos costumes que supõem. O jogo das exclusões e das preferências, a disposição do mobiliário, a escolha dos materiais, a gama de formas e cores, as fontes de luz, o reflexo de um espelho, um livro aberto, um jornal pelo chão, uma raquete, cinzeiros, a ordem e a desordem, o visível e o invisível, a harmonia e as discordâncias, a austeridade ou a elegância, o cuidado ou a negligência, o reino da convenção, toque de exotismo e mais ainda a maneira de organizar o espaço disponível, por exíguo que seja, e de distribuir nele as diferentes funções diárias (refeições, toalete, recepção, conversa, estudo, lazer, repouso), tudo já compõe um "relato de vida", mesmo antes que o dono da casa pronuncie a mínima palavra. (CERTEAU, 2011, p. 204).

O espaço deve favorecer o comportamento harmonioso de quem o habita, mais do que apenas atender às suas necessidades básicas como repousar, divertir-se e receber.

O que é uma casa sem estilo? Sem estilo arquitetônico ou sem estilo interior? Adentramos à Alameda Brasil, localizada no Residencial 2, em Alphaville.



Fachada da Alameda Brasil. Acervo pessoal

O Sr. Salvador e a senhora Zélia mudaram-se para Alphaville em 1999, hoje com dois filhos de 17 anos, gêmeos. A saída de São Paulo ocasionou-se por um assalto em sua residência. Procuraram, assim, um local com segurança e próximo a São Paulo. A esposa é dona de agência de correio e o marido, empresário e construtor na região. Ambos adoram construir casas de alto padrão para venda, o que os fazem sempre estarem atualizados com acabamentos, revestimentos e tendências. Essa residência acabou de ser reformada internamente, atualizada a gosto deles e por eles.



Sala de estar. Acervo pessoal

O corpo humano é pivô do seu entorno e repleto de sentidos e percepções dentro de um espaço que é um lugar praticado, um cruzamento de móveis. A observação do ambiente faz a sensação tanto do agradável quanto do desagradável. A percepção dos objetos é percebida pelos sentidos, recebem um bombardeio de estímulos energéticos, e o nosso corpo permite a formação da imagem local. A imagem desse ambiente que não reproduz a personalidade do morador pode ser observada em qualquer outro lugar.



Sala de estar. Acervo pessoal

A personalidade dos moradores – os móveis – reflete um ar sóbrio, sem ousadia; tecidos neutros em uma distribuição simétrica, sem representação de uma vida, e sim apenas objetos, somente objetos. Talvez percebessem um objeto que possa referenciar um detalhe da família, dois anjos "sangue de boi", mas esses foram comprados pela mãe do Sr. Salvador em um antiquário. Onde está a família nesse ambiente?



Anjos "sangue de boi". Acervo pessoal

Olhando o entorno, há uma parede revestida com uma tela com tom cinza nebuloso, um canto que determina um bar, um espaço sem estilo e sem identidade; uma sala de estar, de receber, de entrar na intimidade da família não reflete a real família que ali reside e sim móveis frios sem memórias.



Sala de estar. Acervo pessoal

Entrando na intimidade da família, talvez possa existir um ambiente que seja o reflexo deles. Isso acontece em torno de uma televisão, em uma área restrita a convidados – a famosa sala íntima.



Sala íntima. Acervo pessoal

Retratos e objetos pessoais adornam o entorno da televisão; CD e DVD demonstram o gosto da família, conforto e acolhimento no formato da disposição do mobiliário, o canto do relaxamento, do convívio familiar e da real intimidade da casa.

A experiência do local visitado e analisado pode ter outra interpretação, depende de cada sujeito "corpo humano diferenciado". O sentir, observar, analisar, o cheiro vão dar o significado para cada interior decorado. Deve-se entender o esforço de harmonizar com liberdade e com grande audácia o ambiente do homem, isto é, converter o mundo das coisas, objetos e móveis em uma projeção direta do mundo do espírito, do nosso eu, do nosso interior, da nossa vida e memória para a imagem do nosso lar. Com estilo da nossa intimidade ou sem ele, transportamos ao nosso lar.

### **2.3 A casa programada**

A família Scandiuzzi reside em Alphaville desde 1994. Morou antes em duas casas da Alameda Roma, no Alphaville 1, onde reside atualmente. A arquiteta, Maria Glória Batista, projetou a tão sonhada residência, projeto esse que foi elaborado com base na premissa de que teria uma suíte para cada neto. Uma família de três filhos, duas meninas e um menino, todos casados e com um total de cinco netos. O objetivo da dona Vilma, proprietária da residência, foi primeiramente que a casa tivesse uma escada monumental, com todos os ambientes circundando a mesma, e com muita circulação para os seus netos poderem correr sem perigo. Um lazer privilegiado em um terreno de 1.493 metros quadrados; assim, era mais do que possível a sua execução. A construção de 1.484 metros quadrados divididos em três pavimentos foi executada em 2 anos, um período de intensa dedicação da proprietária, a qual fez a escolha de todos os acabamentos e detalhes da casa.

O imóvel está localizado em uma alameda plana e próxima do Alphaville Tênis Clube e da Praça São Pedro, onde seus netos podem ir e vir com total segurança. Tudo para agradar os seus bens mais preciosos: os netos.



Praça São Pedro. Acervo pessoal



Vista do Alphaville Tênis Clube. Acervo pessoal



Fachada da Alameda Roma. Acervo pessoal

Retornando às origens de uma casa, vamos entender o que aconteceu com os seus interiores antes de entrarmos na Alameda Roma.

As casas típicas da burguesia medieval eram construídas em dois pavimentos, funcionando no piso inferior uma loja ou oficina. O andar superior possuía um único ambiente, o "salão". A casa medieval era mais um lugar público do que privado. O salão era usado para diversas funções: comer, cozinhar, entreter convidados, fazer negócios e dormir. Além da família havia empregados, criados, afilhados, e até dormir era uma atividade comunitária, para a qual não existia privacidade. A partir do século XVIII, a casa deixa de ser um local de trabalho e torna-se menos pública, diminuindo de tamanho. Mas, no século XIX, a concepção de privacidade tomou força.

No Brasil, desde o período colonial, as atividades da casa foram separadas verticalmente – o público localizado abaixo e o privado, acima. Subir ou descer não significava apenas mudar de andar, mas se retirar ou participar da companhia dos

outros. A sensação de intimidade e privacidade era gerada pelo equilíbrio entre o que era privado e público.

Em meados do século XIX, houve uma redefinição das casas em seus lotes, entre o público e o privado. A casa se isola no lote, o público deixa de ser a rua, e uma nova região é demarcada no território da casa, "a sala de visitas". Assim, o ritual de receber uma visita tinha requintes barrocos, pois significava abrir o espaço da casa para um estranho.

Na segunda metade do século XIX, houve, nas residências mais abastadas, uma reformulação no espaço interior da casa, definindo-se em três áreas: social, íntima e de serviços. Na área social, a sala abre-se para um público selecionado, expressando símbolos de riqueza e poder. Na área íntima, as alcovas transformam-se em quartos, resguardando intimidades individuais e do casal. A área de serviços distancia-se das zonas de estar – o escravo ou empregado terá o seu próprio espaço, afastado da intimidade da família.

As modificações ocorridas na sociedade e no espaço de habitar tornaram-se responsáveis pelas alterações nos hábitos, nos rituais familiares e no cotidiano do indivíduo, e tais modificações são o espelho das casas de hoje.

Entrando em uma casa contemporânea do século XXI, nos deparamos com os símbolos de riqueza e poder do século XIX, que é representado pelos grandes vãos, escadaria ostensiva e uma riqueza decorativa em seus revestimentos.

A porta de entrada principal da residência é o local onde se distingue o interior e o exterior de uma residência. Entrar na privacidade da família, no seu lar, na sua intimidade é a primeira impressão do que poderemos ver ao ser aberta, gerando expectativas, curiosidades ao inesperado.



Porta principal. Acervo pessoal



Escadaria. Acervo pessoal



Primeira sala. Acervo pessoal

A primeira sala de recepção, ao lado direito da entrada principal, está ambientada com o mobiliário estilo Luís XVI: estofado com tecido de veludo marrom, uma mesa de centro redonda sobre um tapete arraiolo e, em suas laterais, uma estátua e um tocheiro sobre pedestais de mármore.

Seguindo em um próximo ambiente, separado por uma porta branca e extensa, o espaço masculino, o *home theater*, um ambiente com características do século XIX, onde os homens tinham na sala de bilhar, no *fumoir* e especialmente no gabinete, ambientes onde podiam desfrutar os prazeres solitários e receber pessoas que compartilhavam sua amizade e intimidade. Em seu interior, proporcionava uma atmosfera intimista e exibicionista. Esse ambiente foi elaborado para o senhor da casa e seus netos. No cotidiano do lar, o senhor Claudine se recolhe às dez horas da noite para o seu refúgio e sua esposa para os seus aposentos, cada um com o seu gosto para o repouso.



*Home theater* e bilhar. Acervo pessoal

Na distribuição de áreas de convivência da casa, divide-se como antigamente o espaço feminino e o masculino, sendo o feminino a sala de estar, de receber, onde, como em 1870, ostentam o poder aquisitivo da família, a posição social e os seus valores morais através da decoração dos seus ambientes de estar e receber.

A sala estar, ou sala de visitas, onde o mobiliário tem um significado utilitário de conforto está distanciado das paredes, onde antigamente se encontravam alinhados à parede. A sala de estar era um lugar de *performance* feminina. No século XIX, usou-se a denominação de "mulher da sala" para designar aquela anfitriã que deveria brilhar nos momentos de recepção doméstica e nos encontros

da alta sociedade. A noção de conforto tornou-se hoje sinônimo de refúgio e também onde as forças masculinas e femininas desgastadas pelo dia a dia serão restabelecidas para um novo dia.



Sala de estar. Acervo pessoal

Para analisar a sala de estar da casa em questão, precisamos saber como foi feita a sua elaboração pela dona da casa. Um sofá em "L", tecido esverdeado em seda com detalhes em capitonê, vindo da sua antiga residência, uma mesa em madeira maciça e um tapete arraiolo, que foi feito ponto a ponto por ela. Quadro atrás do sofá e um abajur de chão, vidro e cúpula preta. Tudo ambientado ao redor da lareira. Belo ou feio foi reaproveitado de outro ambiente e simplesmente colocado na sala de estar.



Sala de estar. Acervo pessoal



Sala de estar. Acervo pessoal

Na literatura inglesa do século XIX, encontramos descrições que procuravam harmonizar a indumentária feminina com as cores de ambientes e mobiliários da casa. Usava-se o mesmo têxtil para a confecção de roupas femininas, sofás, e poltronas da sala. Havia também um vocabulário comum para descrever os estilos de móveis, vestuário e as noções de feminilidade. *Vestir e adornar uma casa requer o mesmo bom gosto que vestir e adornar uma linda mulher.* A marca do feminino também estava presente em outros itens decorativos, como o uso de flores. A presença de flores naturais na casa era praticamente obrigatória, um sinal de presença permanente da mulher. (MACHADO, 2011, p. 108).



Sala de estar. Acervo pessoal

A tapeçaria e os tecidos da sala são um reflexo de uma promessa da proprietária, que por um ano somente usou roupas brancas e, querendo muito usar um preto, transpôs para os móveis um momento de sua vida, que hoje já foi superado e sonha com uma alteração alegre, que remeta à sua vida com os netos.



Lareira. Acervo pessoal

No século XVIII, a lareira foi um elemento fundamental na estruturação dos interiores, aparecendo como indicador de uma transição na vivência do espaço doméstico, confirmando um caráter multifuncional da apropriação dos interiores. A lareira é relacionada com um mobiliário de lazer (como uma mesa de jogos).

A lareira nessa residência tem a função de estética dentro de um grande vão; não poderia esquentar todo esse ambiente. Hoje, muitas casas de classe média alta utilizam a lareira como um mobiliário apenas decorativo.



Móvel Francês. Acervo pessoal

Onde existe parede também se encontra um móvel antigo sem ambientação, sem um valor adequado a ele. Esse móvel foi adquirido em um antiquário e as telas de ponto são da Ilha da Madeira, em Portugal.



Sala ao redor da escada. Acervo pessoal

A arquitetura como uma arte é a criação de espaços interiores; diríamos que a arquitetura é uma pensativa criação do espaço interior. Vazios, sem móveis, é sem interior, sem interior pessoal, sem a nossa identidade, é oco, não existe nada e não existe "Lar" e muito menos memórias. Sem função ele não existe.

#### **2.4 A casa personificada**

A casa personificada, também localizada no Residencial 1, é de propriedade de Vanessa Scandiuzzi, filha da dona Vilma, da casa programada. Referenciamos a cultura de Alphaville: os filhos crescem, casam e continuam em Alphaville, tendo como motivo principal a qualidade de vida e incluindo o trabalho próximo ao lar.



Fachada da Alameda Itália. Acervo pessoal

O cotidiano dessa família é diferente do que vimos anteriormente. A "mulher da casa" se multiplica em mulher do trabalho, mãe, administradora do lar e esposa. Esse é o lar que hoje nos rodeia, é a maioria, um casal que trabalha o dia inteiro, um filho para educar, um escritório para trabalhar, uma casa para administrar e uma vida para viver. Correndo para lá e para cá, o tempo do relógio não para, o dia é curto e os anos passam rapidamente. Quando existe um repouso? Um recolhimento do corpo humano, uma reposição de energia? E em que local isso acontece? Antigamente, diríamos que a "*sala de estar*" foi o repouso do guerreiro e, hoje, nessa família, é a junção do mobiliário do homem e da mulher. O repouso mudou de ambiente e localizou-se no quarto.

Nos tempos de hoje, antes do casamento os jovens já moram sozinhos – uma conquista de independência financeira e de privacidade – e, quando se casam, já possuem cada um o seu mobiliário. Na formação do interior da casa, da família e do lar, cada um leva um pouco de si, personificando o ambiente e tornando-o um só. Olhando para cá, encontramos um sofá do marido e, para lá, um piano da esposa:

uma junção de identidades. O filho nasce e a família é constituída. Assim, a sala de estar reflete a vida deles.



Sala de estar. Acervo pessoal

Desde que nascemos, as palavras vão nos sendo ditas. Elas entram em nosso corpo, e vão se transformando, virando outra coisa, diferente do que era. Educação dos filhos é isso, o processo em que eles passam as palavras que os ensinam, o ambiente que os educa, os móveis que os rodeiam. Eles aprendem tudo: a cadeira para sentar, o piano para tocar e o vaso para flores. Crescem com referências do que lhes ensinaram e futuramente um objeto, que estava em sua sala quando criança, vai fazer parte de sua memória, de seu sentimento afetivo e poderá estar em sua casa quando grande. Uma evolução natural de objetos de família: da mãe passa para o filho, do filho para o neto e assim por diante.

Os móveis e os objetos podem fazer parte de uma vida, de uma memória, mas também podem ser apenas objetos. São as pessoas que os definem, elas que transportam os seus sentimentos para eles, pessoas vazias se igualam a espaços vazios sem memórias, frios.



Piano. Acervo pessoal



Coleção de baianinhas. Acervo pessoal

Uma coleção de objetos feita por acaso. "*Achei bonitinho e comprei uma e depois as outras quando ia viajar*" relata Vanessa, dona da casa, a respeito de suas "*baianinhas*".

Com os signos e símbolos, adquirimos uma percepção da identidade daquela família. Um espaço repleto de amor. Um objeto observado nos leva à imaginação e indícios. Um tecido, uma cor, nos leva ao gosto, a um estilo de vida.



Signos na sala e no escritório. Acervo pessoal



Obra de arte. Acervo pessoal

As cores da tela nos indicam o gosto pelo colorido, pela vida. Analisar um ambiente é ter a mente vazia, é se abrir para o mundo e observar as pequenas coisas como elas realmente são ou imaginar o que elas poderiam ser.

"Toda experiência precisa de um corpo presente, seria o ato e o efeito de experimentar, conhecimento através da observação."(OKAMOTO, Jun)



Sala de estar reservada. Acervo pessoal

Um ambiente reservado que está envolvido pela natureza, o interno e o externo transformado em um único espaço. Em um nível rebaixado, mostrando aconchego, tons escuros com contraste do vermelho vivo, vivo como a vegetação. A nossa visão prefere a aparência externa, é parte de nossa natureza. "O espaço não é objeto de visão, mas objeto de pensamento". (MERLEAU-PONTY, 1989).

"A arquitetura não pode ser conhecida, vista e sentida se não for penetrada, percorrida, deslocando-se o observador dentro dela". (Okamoto, 2002, p. 147).

Como Jun Okamoto descreve a arquitetura, descrevemos aqui o espaço interior; o interior é conhecido através da experiência, temos que senti-lo, existe cheiro, usamos a visão, a percepção para poder interpretá-lo. Portanto, a análise de um interior depende unicamente de nossas experiências.

### 3 Análise e crítica da sala de estar

"Conduzir. Seduzir. Largar, dar liberdade. Para certo tipo de utilização é melhor e faz mais sentido criar calma, serenidade, um lugar onde não terão de correr e procurar a porta."

*Peter Zumthor*

#### 3.1 Identidade da família; disposição de móveis e objetos; harmonia, estética e função

Falamos neste capítulo de uma crítica à casa programada. Os seus interiores refletem uma época da família com memórias pontuadas, mas sem harmonia, funcionalidade, estilo, conforto e estética. Existe uma linha de concepção de espaços dentro de uma trajetória circular, com seu foco em um elemento construtivo monumental e frio que retrata a escada da residência; um prestígio a ser compartilhado com a sociedade e uma provação de conquistas em um só elemento com linhas, planos, volumes, cores, texturas, brilhos, sombras e outros atributos, que correm para a visão tridimensional do objeto, mostrando o eixo da residência.



Escada. Acervo pessoal

Observamos o entorno central, poucos objetos sem uso e sem função, que estão localizados no vazio de cada pano vertical e que refletem em um piso nobre e claro. O móvel frontal feito por artesão e sobre ele um lustre adquirido na feira da Praça Benedito Calixto, peças sem ambientação.



Móvel feito por artesão. Acervo pessoal

A personalização dos espaços sem fundamentação os torna vazios e frios, apesar de a madeira nos remeter ao aconchego, o piso sem adornos, tapetes, reverberam o som do vazio.

A sala de estar que segue a continuação do círculo de distribuição dos espaços sociais está concebida pela natureza por apenas um fino e permeável pano de vidro que os separa e por uma verticalidade suntuosa, mas como podemos ver por um mobiliário, sem harmonia. Mas para a dona da casa um reflexo de sua criação. Tal criação que foi elaborada em momentos difíceis e pessoais, projetando o eu interior da dona da casa naquele momento.



Sala de estar. Acervo pessoal

Vamos observar o ambiente sem saber a fundamentação real de sua criação. O belo não existe, como também a harmonia do mobiliário, referente às cores, as texturas, as dimensões e a distribuição do ambiente, objetos que não se relacionam. O visual transmite sensações agradáveis ou não. Qual foi a sensação?

Agora vejamos a concepção real deste espaço, o tapete geométrico em tons de preto, cinza e branco foi elaborado ponto a ponto pela dona da casa durante um ano e meio, no mesmo período da construção da casa. As cores deste tapete foram um reflexo de uma promessa que perdurou um ano, em que a dona da casa só usava roupas brancas, querendo muito poder vestir-se com o preto. Mas promessa é promessa e, então, transpôs todo o seu interior para um objeto que faria parte de sua vida eternamente.

Os móveis deram sequência ao tapete, cadeiras e sofá customizado, mesa de centro feita por um marceneiro em madeira palito maciço, elaborado por ela. Em tudo existe um sentido, mas um sentido sem sentido.

A casa memória do capítulo 2 também foi decorada pela dona da casa, mas existia estética, harmonia, função, sensações, que referenciava a família, mas não é

o caso da casa programada. O gosto e o interior das pessoas são repassados para o seu cotidiano doméstico, seus objetos e móveis; cada espaço torna-se um pedaço do homem que ali habita.

A arquitetura programada que arranhou os espaços internos, da qual necessita algumas soluções que correspondem a resoluções da habitação, do lar, da identidade da família e do viver em um lugar que identifique o homem que o habita.

É nesse momento que o designer de interiores tem que usar sua sensibilidade, sua criatividade e habilidade para transformar os sonhos e anseios dos moradores em realidade. De ambiente em ambiente, deverá compor o **Lar**, como um quebra-cabeça, o lar que define o repouso e a proteção da família, nunca um mostruário de móveis e objetos, conquanto possa e deva ser enfeitado com distinção e bom gosto, refletindo a família e suas vidas. O "*bem-estar*" de uma pessoa em seu lar é o mais importante.

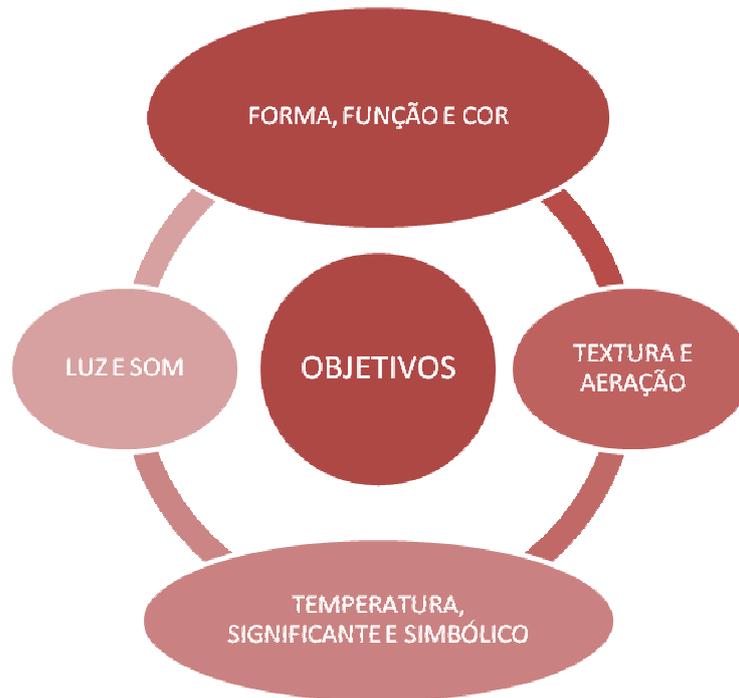
## 4 A sala de estar vestida

"O essencial é saber ver,  
Saber ver sem estar a pensar,  
Saber ver quando se vê,  
E nem ver quando se pensa.  
Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),  
exige um estudo profundo,  
Uma aprendizagem de desaprender".  
*Fernando Pessoa.*

### 4.1 Objetivo

O essencial é saber ver para saber criar. Após analisar e criticar a casa programada deve-se caminhar para o início de uma criação de sua "sala de estar", vestida, como se veste uma linda mulher. Tal criação tem o objetivo de transpor a família para o seu "Lar", transpor a identidade, as expectativas, as memórias, seus hábitos, seus gostos e ambientar um sonho.

Construir o interior é utilizar-se de valores objetivos como forma, função, cor, textura, aeração, temperatura ambiental, iluminação, sonoridade, espaço significativo e simbólico.



#### *Espaço Interior*

O espaço físico interno é resultante da edificação; o interior tem que atender todas as necessidades de quem o habita. O espaço interior, ou simplesmente um espaço qualquer em nosso mundo, coberto ou não, interior ou exterior, é a chave para o designer de interiores, a chave de entrada para as suas criações, como o som é para o músico, a palavra para o poeta e a cor para o pintor.

#### **4.2 Conceito**

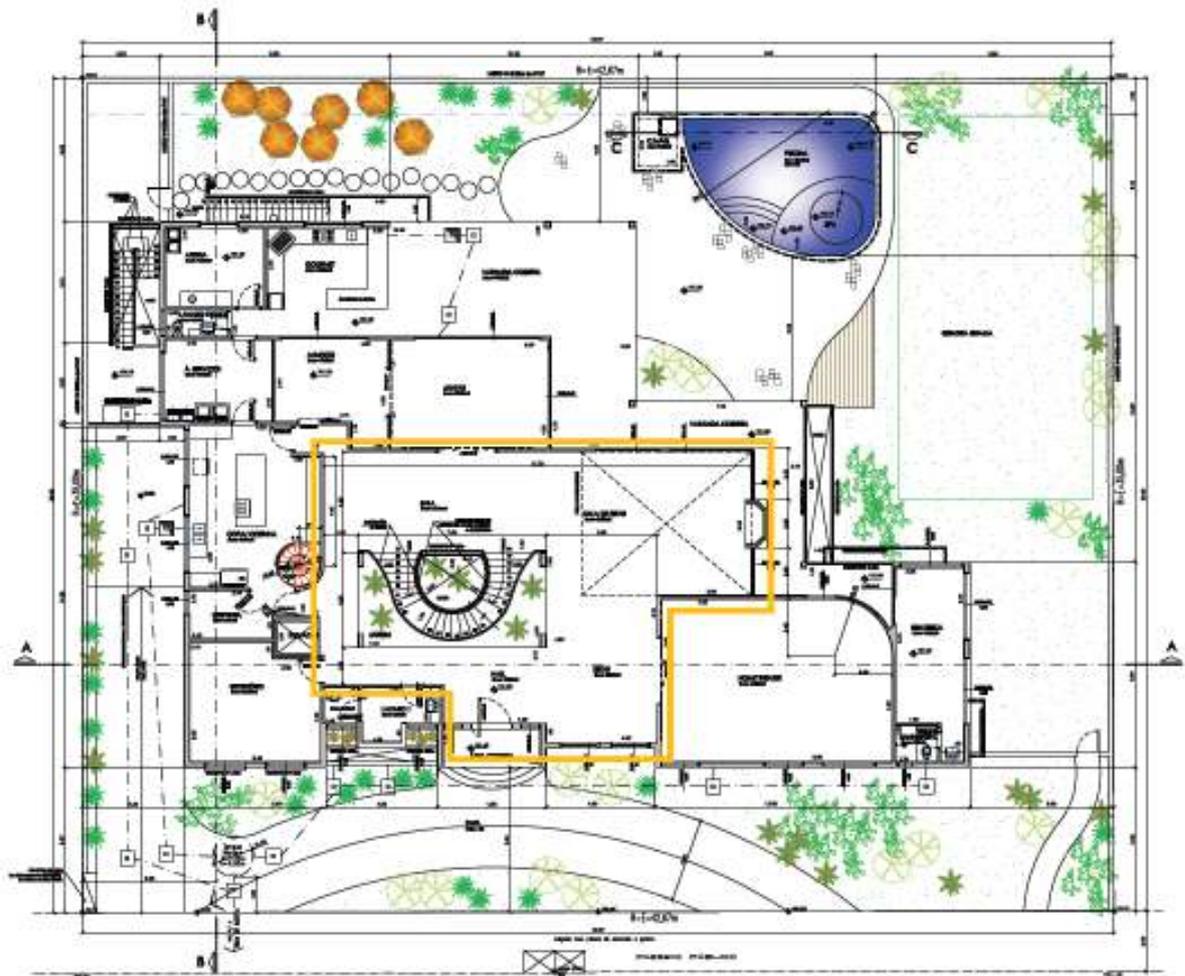
Cada profissional como arquiteto, designer de interiores, paisagista, publicitário, designer gráfico, etc., tem um estilo ou maneira de elaborar uma criação, todos com uma base conceitual. Como pode ser representado esse conceito? Cada profissional representa-o de sua maneira, sabendo que se entenda o que ele está propondo. Variedades de representações conceituais se podem entender como: colagens, gráficos, desenhos, palavras, formas, etc.

Conceito da sala de estar:



### **4.3 Planta baixa**

Representação gráfica da planta arquitetônica da casa programada, onde o espaço delimitado será a base do projeto de interior, "a sala de estar".



PLANTA - PAVIMENTO TERREO

ALAMEDA ROMA (ASFALTO)



#### **4.4 Layout**

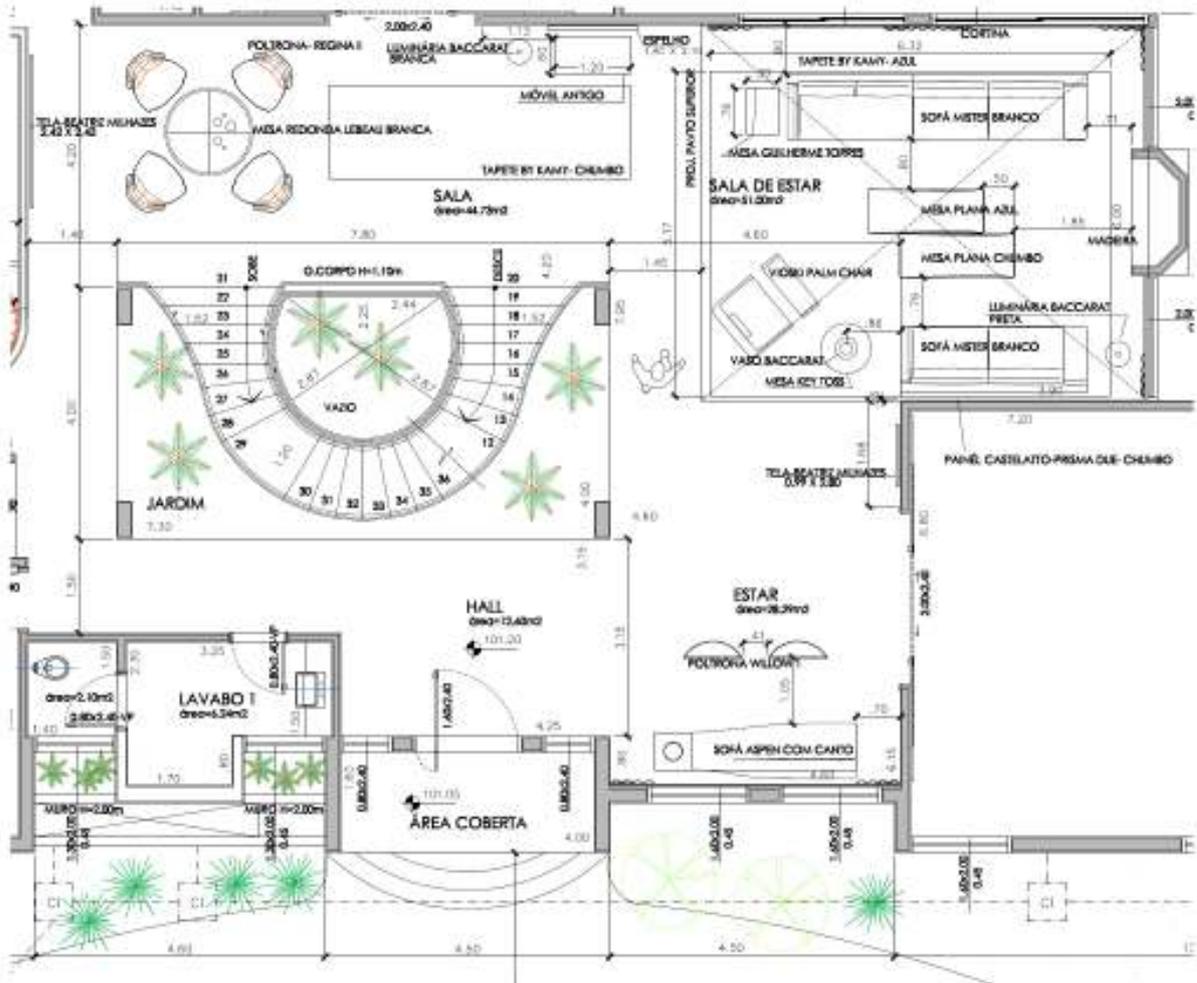
O layout da "sala de estar" foi projetado através da análise e crítica da casa programada; em cada colocação de um móvel, de um objeto existe o seu significado baseado no conceito e identidade da família.



PLANTA - PAVIMENTO TERREO

ALAMEDA ROMA (ASFALTO)





#### 4.5 Acabamentos, mobiliários e objetos

O conceito da sala de estar está em cada acabamento, cada mobiliário e em cada objeto, traduzindo a criação do espaço familiar. Observando o antes e o escolhido:



Sala de receber. Acervo pessoal

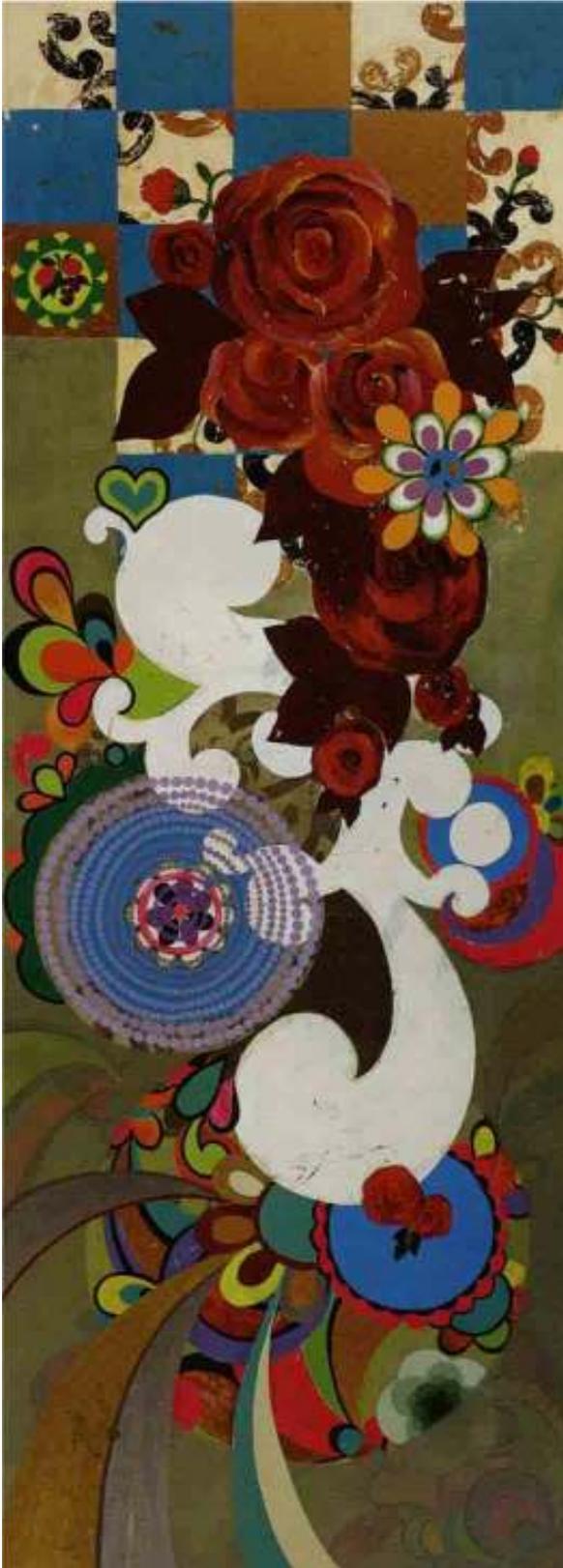


Cadeira Willow. Cassina



Sofá Aspen. Cassina

HARMONIA

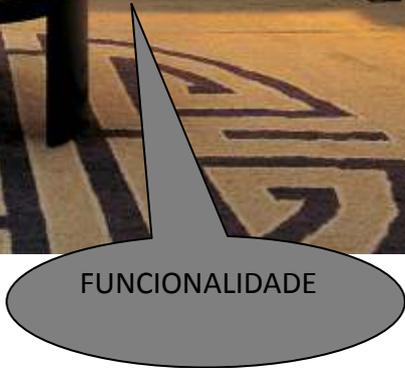


ALEGRIA  
PARA  
OS NETOS

São Jorge II, Milhazes, Beatriz, 1998



Sofá Mister. Cassina



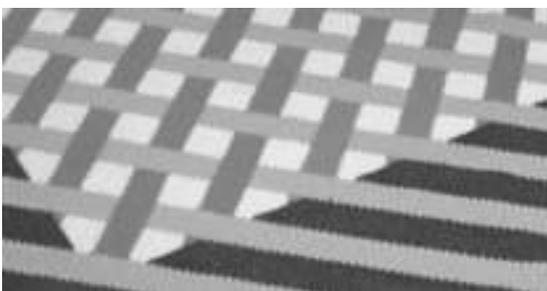
Sofá da casa programada. Acervo pessoal



Sofá Mister. Cassina



Painel Prisma Due, Castellato



Tapete da casa programada. Acervo pessoal

GEOMETRIA

RIQUESA



Lustre e luminária, Baccarat

CONFORTO



REPOUSO

Vioski Palms Chair. Designer



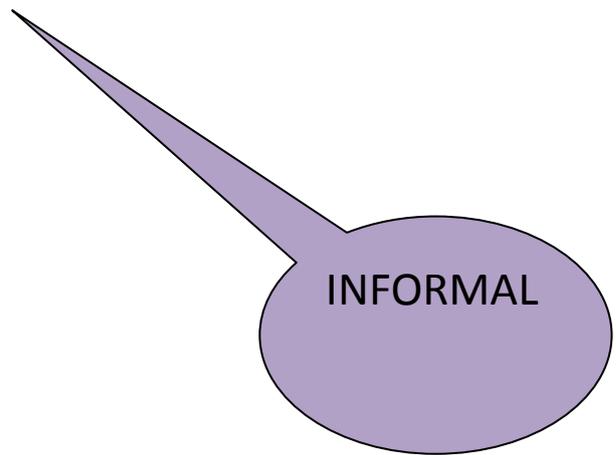
Mesa Key Toss, Micasa



Mesa de Guilherme Torres



Poltrona Regina II, Cassina



Mesa plana. Cassina



Mesa da casa programada. Acervo pessoal

MEMÓRIAS

#### **4.6 A sala em três dimensões**

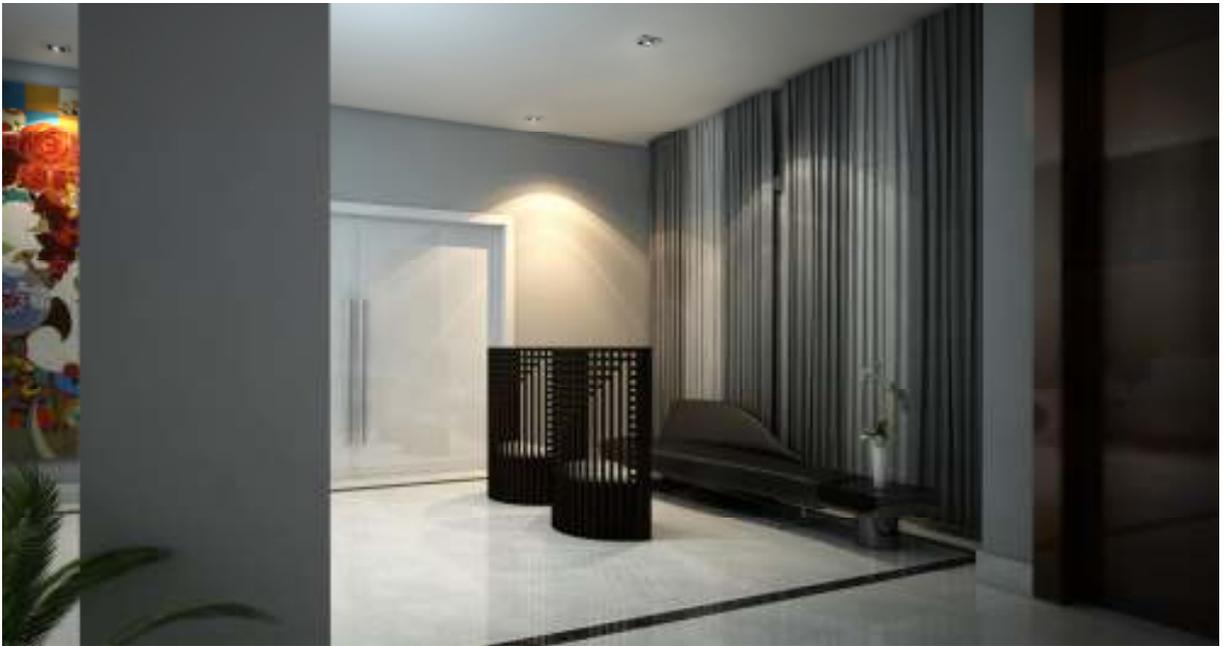
Unir todos os conceitos e transpor para um espaço é fornecer identidade a um vazio, conceber neste caso a "sala de estar" e dar identidade à família. O desejo da proprietária da casa programada transformou-se em um cenário dos sonhos.











## 5 Análise de resultados

Não é mais em sua positividade que a casa é verdadeiramente 'vívida', não é só na hora presente que se reconhecem os seus benefícios. O verdadeiro bem-estar tem um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. (...) E o devaneio se aprofunda a tal ponto que um domínio imemorial, para além da mais antiga memória, se abre para o sonhador do lar. (...) Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Uma e outra trabalham para seu aprofundamento mútuo. Uma e outra constituem, na ordem dos valores, a comunhão de lembranças e da imagem. Assim, a casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradas, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. (...) As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. (BACHELARD, 1984, p. 200).

Em uma viagem ao urbanismo, aterrissamos em residências e adentramos em seus interiores. A visão ampla da localização, da vizinhança, da casa e de seus interiores é indispensável para compreender a cultura das pessoas que moram em Alphaville e o interior de suas casas.

Interiores esses vistos, com memórias, sem estilos, programados, ou talvez consequências de uma história de vida; são interiores elaborados pela própria *dona*

*de casa*, sendo funcionais ou não, belos, feios, harmônicos, (...) refletem o "*Lar*" e o "*eu interior*" de cada família, no momento em que foi elaborado.

A observação desses interiores nos leva a perceber que, o design de interior é muito mais que uma concepção de um ambiente; ele tem que ser íntimo do cliente para transformar os seus sonhos em realidade.

As conclusões mais relevantes que se podem tirar desta pesquisa são, à primeira vista, também as mais simples:

- A *Sala de estar, retrato de uma família*, é uma unificação de desejos, memórias, aspirações, expectativas, hábitos, gostos e identidade da família, que na qual irão viver o seu dia a dia com a sensação de bem-estar e felizes.

- O designer de interiores é o profissional que tem as melhores aptidões, natas ou inatas, para *materializar* esse espaço, ou ambiente, tão próximo quanto possível do *ideal* a ser atingido.

- O designer de interiores não tem todas as aptidões necessárias para, sozinho, interpretar este *ideal* e buscar a sua *concretização*; dependemos do cliente e de nossa interação com ele.

Portanto, nenhum pesquisador tem a intenção de guardar os resultados para si; essa dissertação e criação de um projeto têm a intenção de *trocar* conhecimentos, aprender e transmitir, expor e ouvir, versar junto com outros. Em suma, *conversar*.

O bem estar doméstico é algo demasiado importante para deixá-lo a cargo dos experts; é, como sempre foi, um assunto de família e da pessoa. Temos que redescobrir por nós mesmos o mistério do conforto, pois sem ele nossas residências serão de verdade máquinas e não casas. (RYBCZYNSKI, 1997, p. 234).

## Referências bibliográficas

- ÁBALOS, Iñaki. **A boa-vida**. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Ludmila de Lima. **A casa subjetiva**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DE BOTTON, Alain. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**. São Paulo: Escrituras, 2009.
- HALL, Sean. **Isto significa isso, isso significa aquilo**. São Paulo: Rosari, 2008.
- MACHADO, Maria Lúcia. **Interiores no Brasil: a influência portuguesa no espaço doméstico**. São Paulo: Olhares, 2011.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Mackenzie, 2002.
- PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.
- RYBCZYNSKI, Witold. **La casa, historia de una Idea**. Madrid: Nerea, 1997.
- SACCHI, Even. **Yojiro Takaoka: o construtor de sonhos**. Barueri, SP: Asa, 2003.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ZUMTHOR, Peter. **Atmosferas**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

## Artigos

- VEJA, Revista. Edição 369. 01 out. 1975. Edição 664. 27 mai. 1981. Edição 1367. 23 nov. 1994.

## Webgrafias

BACCARAT, Studio. <http://www.studiobaccarat.com/products/torch-floor-lamp-black/>.

Acesso em: 19 jan. 2012.

BACCARAT, Studio. <http://www.studiobaccarat.com/products/mille-nuits-chandelier-8l-copy/>. Acesso em: 19 jan. 2012.

BY KAMY. **Tapetes**. <http://www.bykamy.com/colecoes/goltchin/color/>. Acesso em: 18 jan. 2012.

BY KAMY. **Tapetes**. <http://www.bykamy.com/colecoes/moderntexture/murano/>.

Acesso em: 18 jan. 2012.

CASSINA.

<http://www.cassina.com/portal/page/portal/UI/webpages/cassina/catalogue/home?lang=en>. Acesso em 16 jan. 2012.

CASTELATTO. [http://www.castelatto.com.br/version\\_pt/swf/index.html](http://www.castelatto.com.br/version_pt/swf/index.html). Acesso em: 17 jan. 2012.

MILHAZES, Beatriz.

[http://www.catalogodasartes.com.br/Lista\\_Obras\\_Biografia\\_Artista.asp?idArtista=240&txtArtista=Beatriz%20Milhazes](http://www.catalogodasartes.com.br/Lista_Obras_Biografia_Artista.asp?idArtista=240&txtArtista=Beatriz%20Milhazes). Acesso em: 21 jan. 2012.

MILHAZES, Beatriz. <http://www.jamescohan.com/artists/beatriz-milhazes/>. Acesso em: 21 jan. 2012.

VIOSKI. <http://www.vioski.com/collection.php?cid=4&page=1#>. Acesso em 19 jan. 2012.

## CDS

MICASA. **Acervo pessoal**. 2011.